

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

**O MÉDICO E O MONSTRO, DE ROBERT LOUIS STEVENSON, E BREAKING
BAD: UMA ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE À LUZ DA LITERATURA
COMPARADA¹**

THE STRANGE CASE OF DR. JEKYLL AND MR. HYDE, BY ROBERT LOUIS
STEVENSON, AND BREAKING BAD: AN ANALYSIS OF INTERTEXTUALITY IN
THE LIGHT OF COMPARATIVE LITERATURE

Abraão Wanderley Pires de Oliveira²

Cosmo Jadson Alves Leite³

RESUMO: Trazendo trechos da novela *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e recortes de cenas do seriado televisivo *Breaking Bad*, de Vince Gilligan, este trabalho analisa, sob a perspectiva da Literatura Comparada, semelhanças narrativas entre as obras e também a dualidade moral presente em seus protagonistas. O estudo partiu da hipótese de que as duas obras trabalham a dualidade da natureza humana, explorando a influência de fatores psicológicos e sociais na evolução moral dos protagonistas, e se esses fatores estão de alguma forma conectados. A pesquisa destaca como Dr. Jekyll e Walter White, figuras inicialmente respeitáveis, cedem a impulsos reprimidos e trilham caminhos de autodestruição, arrastando consigo amigos íntimos, além de evidenciar semelhanças narrativas entre as duas obras. Sendo uma pesquisa bibliográfica, adota-se abordagem qualitativa e método analítico-comparativo. Com base em teóricos como Carl Jung (2002), Joseph Campbell (2023) e Murray Smith (1995), o estudo aborda ainda a desconstrução da jornada do herói e a ascensão do anti-herói. Os resultados indicam que, apesar das diferenças midiáticas e temporais entre as obras, ambas demonstram momentos narrativos semelhantes, construindo trajetórias em que seus protagonistas arrastam amigos e a si mesmos para fins trágicos.

Palavras-chave: literatura comparada; sombra junguiana; anti-herói; *O Médico e o Monstro*; *Breaking Bad*.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Inglês, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), campus Caraúbas, como requisito total para obtenção do título de licenciado em Letras/Inglês em 2025.1.

² Discente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. E-mail: abraao.oliveira21232@alunos.ufersa.edu.br.

³ Professor Orientador. Email: cosmo.leite@ufersa.edu.br.

ABSTRACT: Drawing from excerpts of the novel *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* by Robert Louis Stevenson and scenes from the television series *Breaking Bad* by Vince Gilligan, this study analyzes, from the perspective of Comparative Literature, narrative similarities between the two works and the moral duality present in their protagonists. The research began with the hypothesis that both works explore the duality of human nature, examining the influence of psychological and social factors on the moral evolution of the protagonists and whether these factors are in some way interconnected. The study highlights how Dr. Jekyll and Walter White, initially respectable figures, succumb to repressed impulses and follow paths of self-destruction, dragging close friends along with them, and also emphasizes the narrative parallels between the two stories. As a bibliographic and documentary study, it adopts a qualitative approach and an analytical-comparative method. Drawing on theorists such as Carl Jung (2002), Joseph Campbell (2023), and Murray Smith (1995), the study also addresses the deconstruction of the hero's journey and the rise of the anti-hero. The findings indicate that, despite the differences in medium and historical context, both works present similar narrative moments, portraying paths in which the protagonists drag others—and themselves—toward tragic ends.

Keywords: comparative literature; jungian shadow; antihero; moral duality; *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*; *Breaking Bad*.

1 INTRODUÇÃO

A dualidade humana se refere a existência de aspectos contraditórios dentro de um mesmo indivíduo, como razão e instinto, por exemplo. Essa noção parte do princípio de que o ser humano não é inteiramente bom nem inteiramente mau, mas vive em constante tensão entre impulsos opostos. Sendo um tema amplamente explorado na literatura e na cultura pop⁴, sendo um dos exemplos mais emblemáticos a novel gótica *O Médico e o Monstro*⁵, de Robert Louis Stevenson⁶. A obra, publicada em 1886, narra a história de Dr. Henry Jekyll, um médico e cientista que desenvolve uma poção especial, uma fórmula capaz de separar os aspectos bons e maus de sua personalidade, dando origem ao cruel e impiedoso Edward Hyde. Essa narrativa se tornou um marco na literatura ocidental, influenciando diversas mídias e reforçando a discussão sobre a dualidade inerente ao ser humano.

A ideia de que cada indivíduo carrega dentro de si tanto o bem quanto o mal também pode ser observada em produções contemporâneas, como a série de televisão *Breaking Bad*, criada por Vince Gilligan⁷ em 2008. A trama nos dá a perspectiva de Walter White, um professor de química diagnosticado com câncer que, ao buscar garantir a segurança financeira

⁴ Cultura pop ou cultura popular é o conjunto de manifestações culturais como filmes, séries, músicas, quadrinhos e moda que fazem sucesso entre o grande público.

⁵ Tradução utilizada neste estudo. As citações de *O Médico e o Monstro* referem-se à tradução brasileira da edição: Stevenson, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Penguin Companhia, 2015.

⁶ Robert Louis Stevenson (1850-1894) foi um escritor escocês conhecido por obras clássicas como "*O Médico e o Monstro*". Sua produção literária inclui romances de aventura, ficção gótica, poesia e ensaios.

⁷ Vince Gilligan (nascido em 1967) é um roteirista, diretor e produtor de televisão norte-americano aclamado por criar as séries "*Breaking Bad*" e "*Better Call Saul*".

de sua família, decide fabricar e vender metanfetamina. Com o tempo, ele adota a identidade de Heisenberg, revelando um lado obscuro de sua personalidade que antes estava reprimido. A transformação do personagem reflete uma discussão semelhante à *O Médico e o Monstro*, mostrando como circunstâncias externas e desejos internos podem levar um indivíduo a abraçar sua própria "sombra".

Diante desse contexto, este trabalho levanta a seguinte questão: de que maneira a dualidade humana representada em *O Médico e o Monstro* se manifesta na construção de Walter White em *Breaking Bad*? A hipótese central é que ambas as obras exploram a dualidade do ser humano, demonstrando como fatores psicológicos e sociais influenciam a transformação moral dos protagonistas e se elas, de alguma forma, relacionam-se.

Ante o exposto, o objetivo geral da pesquisa é analisar as semelhanças narrativas entre a novela *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e a série *Breaking Bad*, criada por Vince Gilligan, com foco na representação da dualidade humana de seus protagonistas e na forma como suas trajetórias são construídas.

Entre os objetivos específicos, são estes: a) avaliar a representação da dualidade moral nos protagonistas, com foco nos conflitos internos e nas transformações narrativas; b) comparar estruturas narrativas que envolvem a transformação dos personagens, como gatilhos, escolhas e desfechos; e c) investigar a dimensão trágica nas trajetórias de Jekyll e Walter White, com ênfase nas tensões entre ética e desejo.

A principal justificativa para esta pesquisa surgiu do interesse pessoal do autor pelas obras *Breaking Bad* (2008-2013), série televisiva criada por Vince Gilligan, e *O Médico e o Monstro* (1886), novela criada por Robert Louis Stevenson. As duas narrativas trazem como tema central a complexidade moral humana, com protagonistas que flutuam entre uma personalidade justa e outra vil, mostrando como esses personagens lidam com seus impulsos e transformações ao longo do enredo. *O Médico e o Monstro* apresenta essa dualidade de forma explícita, separando o bem e o mal em duas identidades distintas: Dr. Henry Jekyll e Mr. Edward Hyde. Enquanto isso, *Breaking Bad* constrói essa transformação de maneira mais gradual, evidenciando como um homem comum – ou seja, Mr White – pode se corromper até atingir um ponto irreversível.

Apesar de ambas as obras despertarem interesse acadêmico individualmente, não foram encontrados estudos que realizem uma análise comparativa entre elas. A proposta de aproximar tais narrativas com mais de um século de diferença de lançamento e por mídias distintas, se justifica pela relevância de investigar principalmente como diferentes contextos históricos e culturais representaram, de modos diferentes, questões universais como a dualidade moral e o

conflito interno do ser humano. O presente trabalho pretende contribuir com os estudos literários buscando estabelecer um diálogo inédito entre *O médico e o Monstro* e *Breaking Bad*.

Outrossim, a Literatura Comparada (doravante LC), principal alicerce teórico da pesquisa, também nos oferece ferramentas para estabelecer diálogos entre diferentes mídias e períodos históricos, permitindo que se explore as transformações e permanências de determinados arquétipos narrativos (Carvalho, 1991; Carvalho, 2006; Nitrini, 2010). Ao utilizar essa abordagem, o estudo evidencia as conexões entre *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad*, mostrando como obras de diferentes naturezas podem compartilhar temas e preocupações semelhantes.

O presente trabalho, além de cumprir seu objetivo analítico, busca também oferecer um ponto de partida para futuras pesquisas que desejem explorar a interconexão entre a literatura clássica e produções contemporâneas, especialmente no que diz respeito à recorrência de temas como a dualidade moral e a corrupção do indivíduo. A análise comparativa realizada aqui pode abrir novas perspectivas sobre a forma como esses temas se manifestam e evoluem em diferentes contextos narrativos, revelando a permanência e a transformação de arquétipos ao longo do tempo e através das mídias. Dessa forma, o estudo não apenas propõe novas interpretações para obras já consagradas, mas também contribui para a ampliação do campo dos estudos literários e culturais, incentivando abordagens interdisciplinares e comparativas entre literatura e outras formas de expressão cultural contemporânea.

Acerca da metodologia adotada, baseando-se em Gil (2017), a investigação se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e natureza analítico-comparativa. A pesquisa bibliográfica se fundamenta na análise de fontes teóricas e críticas que abordam os temas centrais deste estudo, possibilitando a construção de um embasamento teórico sólido para a comparação entre as duas obras. A abordagem qualitativa é utilizada graças à natureza interpretativa da análise, que busca compreender os aspectos simbólicos, narrativos e temáticos das narrativas escolhidas. Além disso, a pesquisa adota um viés analítico-comparativo, pois estabelece um diálogo entre diferentes mídias e períodos históricos, a fim de identificar permanências e transformações na representação da dualidade humana.

Sobre a pesquisa qualitativa, Gil (2017) ainda assevera que essa abordagem se caracteriza pela análise aprofundada dos fenômenos, buscando compreender seus significados e interpretações no contexto em que estão inseridos. Dessa forma, pode-se apreender que este estudo, ao adotar uma abordagem qualitativa, permite uma investigação detalhada sobre a dualidade moral dos protagonistas de *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad*, explorando suas transformações a partir de aspectos psicológicos, sociais e narrativos.

Assim sendo, para a realização do estudo, serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos: leitura integral da obra literária *O Médico e o Monstro*, selecionando trechos que evidenciam aspectos da dualidade do protagonista e seu relacionamento com a ciência; visualização completa da série *Breaking Bad*, identificando cenas que dialogam com os temas abordados no livro; e análise das semelhanças narrativas gerais, como situações parecidas e personagens secundários. Assim, a pesquisa busca comparar ambas as obras, analisando como os temas abordados em uma obra do século XIX continuam a ser relevantes em criações contemporâneas.

A pesquisa também será orientada pelos fundamentos da LC, como mencionado, que oferece ferramentas teóricas para examinar relações entre obras de naturezas e mídias distintas, levando em consideração aspectos formais, temáticos e históricos. A comparação proposta busca evidenciar como temas universais, como o conflito entre bem e mal, continuam sendo ressignificados ao longo do tempo em diferentes formatos narrativos. A intenção, então, é compreender de que forma os aspectos simbólicos e psicológicos das duas obras contribuem para a caracterização dos personagens – Henry Jekyll e Walter White –, marcados por rupturas entre aparência e essência, moralidade e instinto.

Ao ser guiada pelos fundamentos da LC, a análise permite uma leitura cruzada que valoriza tanto os aspectos formais quanto temáticos de cada narrativa. A pesquisa busca evidenciar, então, como ambos os personagens são conduzidos, gradualmente, a finais marcados pela ruína – tanto pessoal quanto simbólica – revelando, em contextos narrativos distintos, uma reflexão crítica sobre os limites da transformação humana e o preço de ultrapassar tais limites.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial reúne os principais estudos e conceitos que fundamentam a análise comparativa entre *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e a série *Breaking Bad*, criada por Vince Gilligan. Para isso, organiza-se em três tópicos teóricos principais.

O primeiro aborda a LC, campo que sustenta a aproximação entre obras distintas em tempo, forma e linguagem, mas que compartilham elementos temáticos e estruturais. Serão considerados autores como Remak (1961), Nitrini (2010), Carvalhal (2006) e Hutcheon (2013), que discutem a origem, características e relevância da disciplina nos estudos interartes.

O segundo tópico apresenta a teoria da sombra, de Carl Jung, como chave para compreender a dualidade moral dos protagonistas. A sombra, compreendida como os aspectos

reprimidos e não integrados da psique segundo Jung, será utilizada aqui como chave de leitura para analisar a transformação dos protagonistas. Tanto Henry Jekyll quanto Walter White manifestam, em suas trajetórias, a emergência desses conteúdos sombrios, revelando tensões internas entre moralidade e desejo de transgressão. Autores como Jung (2002), Zweig e Abrams (1991) e Franz (2002) serão utilizados nesta seção.

Por fim, o terceiro tópico do referencial teórico abordará o anti-herói e a desconstrução da Jornada do Herói, com base na obra *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell (2023), Vogler (2006) e estudos de Smith (1995). A figura do anti-herói será discutida como uma representação moderna e complexa de protagonistas que, embora sigam trajetórias de transformação, divergem do modelo heroico clássico por não alcançarem a redenção ou o retorno equilibrado. Walter White e Dr. Jekyll exemplificam personagens que recusam o chamado ao retorno e são consumidos por suas escolhas, tornando-se expressões trágicas da condição humana contemporânea.

2.1 literatura comparada: breve histórico, definição e aplicação

A LC é um ramo dos estudos literários que investiga as relações entre diferentes literaturas nacionais e culturais, buscando compreender semelhanças, influências e particularidades entre as obras. Seu surgimento remonta ao século XIX, período em que os avanços na filologia e a crescente valorização da diversidade cultural impulsionaram estudos que comparavam tradições literárias distintas (Carvalho, 2006).

O termo “comparado” passou a ser usado, segundo Carvalho (2006), para comparar estruturas ou fenômenos análogos ou leis gerais. É na Europa que seu surgimento acontece, com destaque para França, onde se desenvolveram os primeiros estudos comparatistas. O primeiro registro advém de dois autores chamados Noël e Laplace, franceses que, em 1818, publicaram a coletânea de antologias que chamaram de “Curso de Literatura Comparada”. Após isso, entre 1828 e 1840, Abel-François Villemain parece ter sido o responsável pela primeira publicação no ramo acadêmico a utilizar o termo “Literatura Comparada”. O professor usa tanto em sua obra *Panorama da Literatura Francesa do século XVIII* quanto em seu curso de literatura que ministrava em Sorbonne, Paris, França.

Com o passar do tempo, a LC se expande gradativamente pelo mundo. Com isso, novas concepções e olhares críticos recaíram sobre o ramo, mostrando que a LC é uma área flexível ao lidar com objetos distintos, desde textos clássicos até produções culturais contemporâneas, como filmes, séries e músicas. A flexibilidade da LC ampliou seu escopo para além das

influências autorais, incorporando também os contextos históricos, culturais e sociais das obras. Com o tempo, a disciplina passou a valorizar não apenas os elementos em comum entre os textos, mas também as suas diferenças e especificidades, ampliando suas possibilidades interpretativas (Carvalho, 2006).

Assim, a LC tornou-se uma ferramenta essencial para compreender como diferentes produções literárias e artísticas dialogam entre si, mesmo quando pertencem a épocas, culturas ou mídias distintas. Essa abertura teórica e metodológica foi fundamental para que a LC ganhasse relevância nas universidades e centros de pesquisa, sendo hoje reconhecida como uma área importante para a análise crítica da literatura em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado.

Apesar da disciplina de LC ter sido, por muito tempo, focada na investigação de influências diretas entre autores e tradições literárias, a partir do século XX, a área passou a incorporar novas abordagens metodológicas, ampliando seu escopo. Segundo Remak (1961 p. 01), a LC pode ser definida como “o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico, a comparação entre uma literatura e outra ou outras, e a relação entre a literatura e outras áreas do conhecimento”. Essa definição mostra que a disciplina é, desde suas origens, marcada por seu caráter transnacional e interdisciplinar.

Conforme Nitrini (2010), a disciplina deixou de se restringir à análise das relações intertextuais para incluir considerações sobre o contexto histórico, social e cultural em que as obras são produzidas e recebidas. Esse desenvolvimento ampliou a compreensão das conexões entre diferentes formas de expressão literária e artística, permitindo uma análise mais integrada das trocas culturais e das influências recíprocas ao longo do tempo.

A importância da LC está na sua capacidade de revelar como diferentes culturas dialogam por meio da produção literária. Ao comparar textos de épocas e contextos distintos, a LC dá a oportunidade de identificar tanto elementos comuns quanto individualidades de cada obra que as tornam únicas. Além disso, a área de estudo possibilita uma leitura mais aprofundada das influências e das transformações dos temas literários ao longo dos séculos, contribuindo para uma visão mais ampla da literatura como fenômeno global, como aponta Carvalho (1991), a LC não se limita à análise de textos escritos, mas também leva em conta obras audiovisuais, já que essas, muitas vezes, usam estruturas e temas da literatura.

Além disso, a LC enriquece a leitura crítica, permitindo que temas universais como os que serão tratados neste trabalho – dualidade moral, por exemplo – possam ser observados e estudados em diferentes épocas, lugares do mundo e mídias. A LC também contribui para superar visões isoladas e limitadas da literatura, reconhecendo essa como parte de um sistema

cultural maior, podendo ser regional, continental e até mesmo global. Com base no apontamento já citado de Carvalhal (1991), de que a LC não se limita a analisar somente textos escritos, cria-se no presente estudo a liberdade de comparar e analisar trechos entre as duas obras, independentemente de serem de mídias distintas.

Apesar de *Breaking Bad* não ser uma adaptação direta de *O Médico e o Monstro*, como Linda Hutcheon (2013) define em *A Theory of Adaptation*, serão trazidos elementos das duas histórias, bem como personagens, consequências, símbolos, eventos, motivações e temas. O conceito de “recriação” de Hutcheon (2013) permite entender como elementos narrativos e temáticos do romance são ressignificados na série, reforçando o diálogo intertextual

O fato de as duas obras compartilharem elementos estruturais e temáticos – mesmo sendo de mídias diferentes – justifica o uso da LC como fonte teórica para o estudo comparativo entre uma obra clássica do século XIX e uma produção televisiva lançada em 2008. Não obstante, é preciso reforçar que o presente estudo está seguindo a tendência contemporânea da LC, que é vista como “uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística” (Carvalhal, 2006, p. 74).

Entretanto, é importante destacar que o uso da LC como metodologia exige alguns cuidados. A comparação entre obras de mídias diferentes deve levar em conta as especificidades de cada linguagem – a literária e a audiovisual –, respeitando suas formas de construção narrativa e de comunicação com o público. Além disso, é necessário evitar generalizações e forçamentos de similaridade, delimitando claramente os aspectos que serão analisados e justificando sua relevância dentro do corpus do estudo.

Dessa forma, ao adotar a perspectiva da LC, este trabalho busca compreender como temas comuns – ações e consequências - são ressignificados em diferentes formas narrativas e momentos históricos, contribuindo para a ampliação do olhar crítico sobre a literatura e a cultura contemporânea.

2.2 A Ideia de Sombra de Carl Jung e a Dualidade Moral dos Personagens

Para compreender o conceito de sombra, é necessário conhecer seu criador, Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica. Seu trabalho foi decisivo para o desenvolvimento da psicologia moderna, especialmente por ampliar a noção de

inconsciente. Inicialmente colaborador de Sigmund Freud⁸, Jung se afastou dele ao discordar da centralidade que Freud atribuía à sexualidade no inconsciente (Jung, 1987). Após essa ruptura, desenvolveu conceitos fundamentais como o inconsciente coletivo — que abriga símbolos e arquétipos universais — e a sombra, que representa os aspectos reprimidos da personalidade. Também formulou ideias como anima e animus (componentes psíquicos do feminino e do masculino) e o processo de individuação, entendido como uma jornada de autoconhecimento e integração dos opostos. Suas teorias influenciaram diversas áreas além da psicologia, como a filosofia, a arte e os estudos literários, sendo especialmente relevantes na análise de personagens marcados por conflitos internos e dilemas morais (Jung, 2008).

A sombra, conceito central na psicologia analítica, representa os impulsos e traços que o indivíduo rejeita por não se alinharem à sua imagem ideal ou que não vão de acordo com os valores sociais e morais que ele aprendeu durante a vida (Silva, 2014), sendo um reflexo direto da dualidade moral. Por isso, esses elementos acabam sendo reprimidos e deslocados para o inconsciente (Jung, 2002). Contudo, essa parte oculta da personalidade continua atuando de forma indireta, influenciando pensamentos, atitudes e reações. Nesse sentido, a sombra concentra aquilo que o sujeito evita realizar: impulsos agressivos, egoístas, invejosos ou até mesmo simples ações como comer um chocolate enquanto em uma dieta; isso é, tudo aquilo que vai contra a imagem que ele construiu de si mesmo.

Segundo Jung (2002), a sombra é uma parte da personalidade que, por estar viva, tenta comparecer de alguma maneira; ela é o lado negativo do caráter, representando traços primitivos do ser humano, aspectos que um sujeito tenta reprimir. Quando esses desejos e impulsos são fortemente negados, a sombra tende a surgir de forma poderosa na personalidade do indivíduo. Esse fenômeno pode se manifestar de diversas maneiras, como através de comportamentos inconscientes ou reações inesperadas, quando o indivíduo é forçado a confrontar o que tentou suprimir. Zweig e Abrams (1991) afirmam que:

Não podemos olhar diretamente para esse domínio oculto, A sombra é, por natureza, difícil de ser apreendida. Ela é perigosa, desordenada e eternamente oculta, como se a luz da consciência pudesse roubar-lhe a vida. [...] Ela é aquela parte do inconsciente que complementa o ego e representa as características que a personalidade consciente se recusa a admitir e, portanto, negligencia, esquece e enterra... até redescobri-las em confrontos desagradáveis com os outros (Zweig; Abrams, 1991, p. 19-20, tradução nossa).⁹

⁸ Sigmund Freud (1856-1939) foi um neurologista austríaco e o fundador da psicanálise, um método clínico para tratar psicopatologias através do diálogo entre paciente e psicanalista.

⁹ We cannot look directly into this hidden domain. The shadow by nature is difficult to apprehend. It is dangerous, disorderly, and forever in hiding, as if the light of consciousness would steal its very life. [...] It is that part of the unconscious that is complementary to the ego and represents those characteristics that the conscious personality

Jung (2002) afirma que a sombra tem um papel fundamental no desenvolvimento psíquico do indivíduo, sendo essencial para a totalidade da psique humana. Franz (2002 p. 9) reforça que “é um ato de grande coragem enfrentar e aceitar uma qualidade que não nos é agradável, que se escolheu esconder por muitos anos. Mas se a pessoa decidir não aceitá-la, acabará sendo apanhada pelas costas”. Ou seja, seu reconhecimento e integração são importantes para o crescimento pessoal, pois ao enfrentar os aspectos sombrios da personalidade, a pessoa se aproxima de sua verdadeira essência, transcendendo limitações impostas pela moralidade e pela sociedade.

A sombra não é, portanto, uma parte que está sendo evitada ou rejeitada, mas sim uma dimensão do ser humano que, quando aceita, pode levar a uma maior integração psicológica. Reconhecer a própria sombra é um passo importante para se tornar mais consciente de si mesmo. Assim, a sombra não é apenas o lado “ruim” da personalidade, mas um reflexo da luta entre o que o sujeito é e o que ele tenta ser aos olhos da sociedade.

Posto isso, a teoria da sombra de Carl Jung tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a análise de personagens na literatura e no audiovisual, especialmente quando se trata de protagonistas moralmente ambíguos ou em conflito com seus próprios desejos. A sombra não é apenas um elemento simbólico, mas um recurso narrativo profundo que permite representar conflitos humanos complexos.

A figura do herói que confronta seu lado obscuro ou que é tomado por ele revela uma tensão psicológica universal: o medo de perder o controle sobre os próprios impulsos. Jung defendia que o verdadeiro amadurecimento só ocorre quando o sujeito reconhece e integra sua sombra, ou seja, quando ele compreende que suas falhas e contradições fazem parte de quem ele é. Narrativas que se dedicam a explorar esse processo criam personagens mais realistas e profundos, pois tocam em questões que ressoam com o leitor ou espectador de forma íntima.

Nesse contexto, tanto *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson quanto a série *Breaking Bad*, de Vince Gilligan, são estudos de caso ideais para aplicação da teoria da sombra. A obra de Stevenson apresenta a divisão literal da personalidade: o Dr. Jekyll tenta manter sua aparência respeitável, enquanto o Sr. Hyde representa os desejos violentos e imorais que ele reprime. O desfecho trágico da história evidencia a destruição causada pela recusa em aceitar a

does not wish to acknowledge and therefore neglects, forgets, and buries, only to discover them in uncomfortable confrontations with others (Zweig; Abrams, 1991, p. 19-20).

totalidade da psique. De forma semelhante, *Breaking Bad* mostra a transformação gradual de Walter White, de um professor de química submisso a um criminoso implacável.

A análise da sombra permitiu aqui observar como a repressão ou integração dos impulsos influencia a construção e a ruína dos protagonistas, evidenciando o custo psíquico de ignorar aspectos essenciais da própria identidade.

2.3 O Herói, o Anti-Herói e a Jornada do Herói Desconstruída

O conceito de herói, amplamente discutido por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces* (2023), baseia-se na estrutura conhecida como “Jornada do Herói”, em que o protagonista enfrenta desafios, transforma-se e retorna ao seu mundo com um novo conhecimento. Essa trajetória simbólica pode, contudo, ser interrompida ou corrompida, como o próprio Campbell afirma: “a recusa à convocação converte a aventura em seu negativo” (Campbell, 2023, p. 65). Quando o herói recusa a transformação, surge a figura do anti-herói — alguém que transita entre virtudes e falhas morais, desafia valores tradicionais e muitas vezes termina destruído ou dominado por sua própria sombra.

Enquanto o herói tradicional busca justiça, age de forma altruísta e representa ideais elevados, o anti-herói apresenta falhas morais, toma decisões questionáveis e, muitas vezes, é movido por interesses pessoais, tudo isso sem perder totalmente a empatia do público. Essa figura se tornou cada vez mais frequente na cultura atual, refletindo os dilemas éticos e existenciais da sociedade contemporânea. Personagens como Walter White (*Breaking Bad*) são exemplos de anti-heróis que despertam fascínio justamente por sua complexidade e contradição.

A jornada do herói pode assumir múltiplas formas, incluindo trajetórias que não resultam em redenção, mas sim em queda (ou colapso moral, neste caso), perda de identidade ou destruição do próprio sujeito. Essa perspectiva amplia o entendimento do anti-herói como uma figura essencial na ficção contemporânea, refletindo dilemas morais mais complexos do que os apresentados nas histórias tradicionais.

O anti-herói levanta reflexões sobre até onde alguém pode ir para alcançar seus objetivos. Conforme Vogler (2006, p. 58) o anti-herói pode ser “[...] um marginal ou um vilão, do ponto de vista da sociedade, mas com quem a plateia se solidariza, [...] E nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, nos sentimos marginais”, por isso, ele permite que o público veja os conflitos morais de forma mais próxima da realidade, marcada por escolhas difíceis e consequências ambíguas.

De acordo com Smith (1995), os consumidores de uma obra (seja ela livro, filme, série etc.) tendem a se alinhar a um personagem quando eles recebem o acesso às suas ações e pensamentos, o que eles sabem e sentem, principalmente quando a obra nos dá a perspectiva ou ponto de vista do personagem em questão. Isto acaba por gerar uma certa empatia em relação ao personagem. Contudo, apenas isso não garante que gostem ou se identifiquem com o personagem.

É neste momento em que Smith (1995) traz o termo *Aliança*. O autor aponta que a aliança dependerá de como o espectador irá julgar os valores éticos e morais expressos pelo personagem dentro do mundo ficcional, fazendo, então, com que os espectadores – ou leitores – simpatizem com o personagem ou não. O que sustenta essa simpatia é a maneira em que a narrativa contextualiza as ações dos personagens – nesse caso: doença, repressão social etc.

Todavia, é importante ressaltar que o engajamento com um personagem pode ser plural e instável. Smith (1995) também afirma que o envolvimento do espectador com os personagens pode variar ou flutuar ao longo da narrativa: “podemos reagir de forma diferente ao mesmo personagem em diferentes momentos do filme” (Smith, 1995, p. 93, tradução nossa)¹⁰. Ou seja, o público tende a criar empatia por Walter e Jekyll não porque acha que eles estão “certos”, mas porque o texto permite entender suas falhas como humanas, convida-nos a acompanhar suas decisões de perto e, em muitos momentos, justifica ou suaviza seus desvios.

Por fim, uma das características que tornam o anti-herói tão marcante na narrativa contemporânea é a já citada empatia que ele desperta no público, mesmo quando suas atitudes são moralmente reprováveis. Essa empatia pode estar ligada à sua sinceridade, à exposição de seus conflitos internos ou à sua luta contra sistemas opressivos. O público, ao acompanhar sua trajetória, reconhece dilemas que fazem parte da vida real, como o desejo de poder, a frustração com a rotina ou a busca por sentido. Ao contrário do herói idealizado, o anti-herói representa o humano em sua condição mais crua, cheio de falhas e dilemas morais internos, o que o torna não apenas mais verossímil, mas também mais próximo. Quando vemos o personagem Walter White, por exemplo, permitindo que Jane morra por asfixia sem interferir — mesmo podendo salvá-la — (Temporada 2, Episódio 12 – *Phoenix*). Assim, sua presença não se limita a uma função narrativa: ele também promove reflexões éticas profundas, desafiando o espectador a questionar seus próprios valores (Vogler, 2006).

¹⁰ We may respond differently to the same character at different points in the film (Smith, 1995, p. 93).

3 O PREÇO DA SOMBRA: TRANSFORMAÇÕES, QUEDA E TRAGÉDIA EM JEKYLL E WALTER WHITE

3.1 A Dualidade Moral como Núcleo da Transformação dos Protagonistas

Tanto *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, quanto *Breaking Bad*, de Vince Gilligan, apresentam protagonistas que, de início, mostram-se figuras comuns e respeitáveis, estando em profissões e em cargos de alto valor na sociedade – Walter sendo Professor e Jekyll Médico –, mas que, ao longo da narrativa, acabam revelando aspectos sombrios de suas personalidades. Em ambos os casos, a construção da dualidade moral dos protagonistas é o eixo central da trama, desencadeando consequências irreversíveis e transformações identitárias profundas.

Na obra de Stevenson, o Dr. Henry Jekyll é apresentado como um médico respeitado, membro da alta sociedade vitoriana, envolvido em estudos científicos que buscam entender a natureza humana. Não é de se imaginar que um “médico, doutor em direito canônico e em direito civil, membro da Academia Real de Ciências” (Stevenson, 2015, p. 69) seja alguém moral e eticamente desviado, no entanto, os desejos de Henry Jekyll em separar o bem e o mal que coexistem dentro do ser humano acabam por resultar na criação de Edward Hyde, um ser cruel, impulsivo e desprovido de moral.

Jekyll sempre teve ciência dos seus desejos ocultos, como é confirmado no seguinte trecho declarado pelo próprio: “Daí resultou que escondi meus prazeres e, quando anos depois, fui capaz de refletir e comecei a olhar em volta para medir meu progresso e minha posição no mundo, já estava comprometido com uma profunda duplicidade” (Stevenson, 2015, p. 124). Ele então reconhece em Hyde a personificação de sua sombra, conforme o conceito junguiano, e passa a utilizar a sua criação, a sua nova persona, como válvula de escape para seus desejos reprimidos. A separação literal entre as duas personas torna visível a dualidade moral que, segundo Jung (2002), habita em todos os seres humanos.

De forma semelhante, Walter White inicia sua trajetória em *Breaking Bad* como um professor de química frustrado e diagnosticado com câncer terminal. Movido pela necessidade de garantir o futuro financeiro de sua família, ele opta por produzir metanfetamina – decisão que marca o início de sua queda moral. Com o passar das temporadas, Walter adota a identidade de “Heisenberg”, tornando-se cada vez mais frio, manipulador e violento.

A transição não é abrupta como em Jekyll/Hyde, mas gradual, sugerindo que a sombra já existia em Walter, apenas estava reprimida. Segundo Miranda (2023, p. 48), “ele oscila entre ser um pai de família preocupado e um traficante de drogas impiedoso (...) criando uma

incerteza constante sobre suas intenções". Um momento chave dessa transformação ocorre no episódio "Cornered" (Temporada 4, Episódio 06), quando, ao ser confrontado por sua esposa Skyler, Walter rejeita a posição de vítima e diz: "Você claramente não sabe com quem está falando, então deixe-me te explicar. Eu não estou em perigo, Skyler. Eu sou o perigo. Um cara abre a porta e leva um tiro, e você acha que sou eu? Não. Eu sou quem bate na porta". Essa afirmação não apenas consolida sua ruptura com a figura do homem comum, mas representa também a incorporação consciente e arrogante de sua sombra.

Ambas as narrativas constroem essa dualidade por meio da representação de um conflito interno profundo. Jung (2002) afirma que a sombra não é meramente um conjunto de traços negativos, mas sim uma parte vital da psique humana que, quando negada ou reprimida, tende a emergir de forma destrutiva. Tanto Jekyll quanto Walter tentam manter aparências sociais enquanto alimentam desejos ocultos.

A repressão desses impulsos é o que fortalece a sombra e, por consequência, acelera o colapso de suas identidades. Em *Breaking Bad*, por exemplo, a tensão entre essas duas identidades é visível no episódio "4 Days Out" (Temporada 2, Episódio 09), quando Walter, sozinho em um banheiro de hospital, encara seu reflexo distorcido no porta-toalhas metálico. Fortemente tentando reprimir seus sentimentos, ele desfere socos violentos no objeto, destruindo-o (Figura 1). A cena, silenciosa e até simbólica, expressa a raiva reprimida, o desejo de controle e o nascimento de uma identidade que já não se encaixa na imagem social de "Walter White".

Figura 1 – Walter encarando seu reflexo distorcido.



Fonte: *Breaking Bad*, Temporada 2, Episódio 9, "4 Days Out" (2008-2013).

O que diferencia as duas trajetórias é o modo como as transformações são representadas: em Jekyll, a separação é física e simbólica, com duas identidades coexistindo em corpos distintos; em Walter, a mutação acontece dentro do mesmo corpo, de maneira mais psicológica e progressiva. Ainda assim, em ambos os casos, a dualidade é apresentada como algo inescapável – uma luta entre duas naturezas opostas – uma virtuosa e outra perversa –, travada dentro do próprio sujeito.

E os dois gostam disso. Essa construção da dualidade moral, além de evidenciar o conflito psíquico interno dos protagonistas, desafia as noções tradicionais de heroísmo e moralidade. Os personagens não são nem completamente bons, nem inteiramente maus, e isso os torna especialmente complexos. Como aponta Smith (1995), é justamente essa complexidade que gera empatia e aliança com o público, que consegue compreender as motivações por trás de suas ações, mesmo quando elas são eticamente condenáveis.

Dessa forma, tanto Stevenson quanto Gilligan constroem protagonistas que representam, em diferentes contextos e narrativas, a dificuldade de conciliar duas naturezas opostas — uma virtuosa e outra perversa — que coexistem no ser humano. O resultado é uma exploração densa e provocadora da condição humana, em que a dualidade moral deixa de ser apenas um tema narrativo e passa a ser o ponto central de toda a trama.

3.2 Semelhanças narrativas gerais entre *Breaking Bad* e *O Médico e o Monstro*

A dualidade moral que se desenvolve nos protagonistas de *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad* não surge de maneira isolada, mas é cuidadosamente construída por suas respectivas narrativas. A estrutura de ambas as obras evidencia a progressiva “perda” da identidade original em favor de uma persona obscura – a sombra –, marcada por atos de transgressão, manipulação e violência. No entanto, enquanto a obra de Stevenson utiliza uma transformação abrupta, de natureza física e sobrenatural, *Breaking Bad* investe em uma trajetória lenta, psicologicamente convincente e socialmente plausível, o que aprofunda o alinhamento emocional do espectador com Walter.

Como explica Smith (1995), a empatia com personagens moralmente ambíguos se constrói pela exposição constante de seu ponto de vista, criando o que ele chama de “alinhamento”. Além disso, Jung (2002) aponta que a sombra representa os aspectos reprimidos da psique que, quando não reconhecidos e integrados, tendem a dominar o sujeito de forma destrutiva, como se observa nas trajetórias de Jekyll e Walter.

Além de partilharem o tema central da dualidade moral, *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad* apresentam momentos narrativos semelhantes, mesmo que explorados de formas distintas. Um exemplo significativo é a forma como ambos os protagonistas reagem quando percebem que estão prestes a ser desmascarados. O fato de Henry Jekyll e Walter White serem personagens ligados à química é apenas uma camada superficial da comparação; o que realmente os aproxima é a maneira como mantêm uma postura fria e calculada enquanto estão no controle da situação, mas rapidamente mudam de comportamento diante da possibilidade de exposição.

[...] “Muito bem, pois vou lhe dizer de novo.”, continuou o advogado. “Venho me informando sobre o jovem Hyde” - O rosto largo e bonito do dr. Jekyll empalideceu até os lábios, uma sombra lhe toldando os olhos. “Não desejo ouvir mais nada”, disse. “A meu juízo, já tínhamos concordado em deixar esse assunto de lado” (Stevenson, 2015, p. 80).

De forma semelhante, em *Breaking Bad* (Temporada 1, Episódio 6 – “Crazy Handful of Nothin”), o clima muda drasticamente quando Hank, seu cunhado e agente da DEA (Agência Antidrogas), visita a escola onde Walter leciona para investigar uma máscara de gás encontrada numa zona de produção de metanfetamina. O semblante antes receptivo de Walter rapidamente se torna, ele começa a gaguejar, hesita nas palavras e troca olhares claramente desconfortáveis. A ameaça de que sua identidade secreta seja revelada provoca uma reação física e emocional imediata – tão intensa quanto a de Jekyll.

Como se observa na imagem (figura 2), o olhar de Walter muda completamente ao ser confrontado por Hank. O rosto tenso e rígido de Walt lança um olhar sério a Hank, um silêncio cheio de significado e, na ausência de sua passividade típica, é possível perceber o pânico interno do personagem. Nesse momento, Hank mostra a máscara de gás encontrada na zona rural, e Walter, antes amistoso, hesita e tenta se justificar: “É... eu... eu nem sabia que isso tinha sumido...”. O desconforto físico e verbal revela a ameaça de exposição –, ou seja, temos aqui um exemplo do surgimento da sombra.

Figura 2 – Walter White encara Hank com tensão ao ser confrontado com uma evidência da produção de metanfetamina na zona rural da cidade.



Fonte: *Breaking Bad*, Temporada 1, Episódio 6, "Crazy Handful of Nothin'" (2008-2013).

No episódio “*Over*” (Temporada 2, Episódio 10), Walter está numa festa com a família comemorando a boa notícia: o seu câncer está em remissão. Ele, então, decide que tem dinheiro suficiente para sua família e que pode finalmente sair do mundo obscuro do tráfico de drogas, no qual ele produzia metanfetamina. Walter tenta voltar à vida normal, buscando uma rotina doméstica e agindo como um “pai de família” exemplar. Contudo, em uma visita qualquer ao supermercado, ele percebe um traficante comprando materiais para fabricação de metanfetamina. Em vez de ignorar a situação ou se sentir aliviado por não estar mais envolvido, ele entra em seu modo “Heisenberg”, deixando a passividade de lado e confronta o traficante com a frase: “Fique fora do meu território” (Figura 3).

Figura 3 – Walter White Intimida o novo traficante, mostrando que não está “fora do jogo”.



Fonte: *Breaking Bad*, Temporada 2, Episódio 10, "Over" (2008-2013).

Já em *O médico e o Monstro* ocorre algo parecido quando, em uma conversa com Utterson – fiel amigo do médico –, Jekyll afirma que “não quer mais saber dele” – referindo-se a Hyde. Ele diz isso porque, na noite anterior, Hyde assassinou um homem, e Jekyll teme ser descoberto. No entanto, o médico não deseja se desfazer de Hyde por completo; ele apenas não quer que saibam que o bom doutor tem uma persona maligna, bruta e assassina.

[...] juro por Deus que nunca mais vou pôr os olhos nele. Dou-lhe minha palavra de honra, não quero mais saber dele. Está tudo acabado. E na verdade ele não quer minha ajuda, você não o conhece como eu. Ele se encontra em segurança, em absoluta segurança. Tome nota do que eu digo: nunca mais se ouvirá falar nele (Stevenson, 2015, p. 89).

De fato, como em *Breaking Bad*, o médico tenta voltar à vida comum: “E durante mais de dois meses, o doutor viveu em paz” (Stevenson, 2015, p. 94). Contudo, ele volta a tomar a poção, transformando-se novamente em Hyde: “Mas por fim o tempo começou a solapar a urgência de meus receios; [...] mais uma vez preparei e bebi a poção transformadora” (Stevenson, 2015, p. 134-135).

Outra semelhança é a de que ambos os personagens principais fazem um amigo próximo sofrer de forma intensa por egoísmo deles. Em *O Médico e o Monstro*, existe um personagem chamado “Lanyon”, um dos poucos amigos de Henry Jekyll e que, assim como ele, é um médico respeitado. Quando Jekyll se afasta e tenta se reintegrar à vida normal, acaba por retomar suas transformações; nisso, ele faz com que seu amigo Hastie Lanyon presencie sua metamorfose em primeira mão: “Levou o copo aos lábios e bebeu de um gole. [...] as feições pareceram se derreter e se alterar. [...] levantei-me de um salto à parede, os braços erguidos a fim de me proteger daquele fenômeno sobrenatural” (Stevenson, 2015, p. 122).

Testemunhando isso, em tamanho desgosto, Dr. Lanyon adoece de maneira extrema devido ao ocorrido, vindo a falecer dias após o acontecido.

“Oh, Deus!”, gritei, “Oh, Deus!”, repeti várias vezes, pois ali, diante de meus olhos – pálido e trêmulo, quase desfalecendo e tateando à sua frente – estava Henry Jekyll! [...] Minha vida foi abalada até as raízes, o sono me abandonou; os terrores mais mortais me acompanham a qualquer hora do dia e da noite, sinto que meus dias estão contados, mas não obstante morrerei incrédulo (Stevenson, 2015, p. 122-123).

De maneira parecida, em *Breaking Bad*, Walter White também leva seu parceiro e antigo aluno Jesse Pinkman a um sofrimento profundo, causado por decisões marcadas pelo egoísmo e pela ambição. Ao longo da série, Walter manipula Jesse de forma calculada, explorando sua fragilidade emocional e sua constante busca por aprovação. Um dos momentos mais

impactantes ocorre quando Walter permite a morte de Jane Margolis, namorada de Jesse, que morre por overdose diante de seus olhos. Walter presencia a cena e decide não ajudá-la, mesmo podendo salvá-la. O luto, a culpa e o vazio destroem Jesse emocionalmente, levando-o a um colapso: "Eu matei ela... Eu matei ela... Eu amava ela mais que tudo na vida" (Temporada 2, Episódio 13, "ABQ"). Walter White encarna aqui aquilo que Vogler (2006) chama de "Anti-herói Trágico": alguém cujos defeitos não são superados, e cuja destruição é consequência direta da repressão de seus impulsos sombrios.

A crueldade de Walter atinge seu ápice quando ele envenena o garoto Brock para manipular Jesse a seu favor (Temporada 4, episódio 12, "End Times"), uma ação que, quando descoberta, destrói completamente a confiança entre eles. Ainda assim, Jesse permanece preso às consequências das escolhas de Walter, sendo sequestrado e mantido em cativeiro para cozinhar metanfetamina como escravo (Figura 4).

O sofrimento físico e psicológico que Jesse enfrenta é brutal, e muito disso se deve às ações egoístas de Walter, que prioriza seus próprios objetivos acima da saúde mental e da vida de seu amigo. Assim como Jekyll causa a ruína de Lanyon, Walter White é o responsável direto pela degradação emocional de Jesse Pinkman – ambos os protagonistas ferem irremediavelmente aqueles que um dia estiveram ao seu lado. Zweig e Abrams (1991) apontam que a sombra, quando ignorada, não apenas destrói o indivíduo, mas transborda e compromete também os vínculos sociais e afetivos ao redor.

Figura 4 – Jesse Pinkman em um cativeiro, sendo obrigado a criar metanfetamina.



Fonte: *Breaking Bad*, Temporada 5, Episódio 14, "Ozymandias" (2008-2013).

Aplicando os conceitos de Campbell ao estudo dessas narrativas, pode-se perceber que tanto Walter White quanto Dr. Jekyll seguem uma jornada de transformação, mas se distanciam

com o passar do tempo do herói clássico por não encontrarem um equilíbrio moral em seu retorno. Ambos têm oportunidades de interromper sua trajetória destrutiva (Walter quando recebe alertas e apelos da família; Jekyll quando tenta parar de usar a poção), mas insistem em seguir adiante. Essa insistência representa o que Campbell (2023) chama de “recusa ao chamado”: eles evitam abandonar suas vidas duplas e se reconectar com o mundo comum. Com isso, o retorno simbólico ao equilíbrio e à redenção se torna impossível. Em vez disso, suas histórias culminam em queda, ruína e destruição pessoal.

3.3 O desfecho trágico: as consequências inevitáveis

Tanto em *O Médico e o Monstro* quanto em *Breaking Bad*, os protagonistas têm finais marcados pela tragédia, revelando as consequências inevitáveis de seus próprios atos. Em *O Médico e o Monstro*, Henry Jekyll, consumido pelo vício em sua identidade sombria, já não consegue controlar suas transformações. Hyde, a persona maligna, torna-se dominante, e Jekyll perde totalmente o controle de si mesmo: “Os poderes de Hyde pareciam haver crescido com a debilidade de Jekyll” (Stevenson, 2015, p. 141). Enclausurado em sua casa, cercado pela polícia e por Utterson, ele opta por tirar a própria vida, encerrando a existência de ambos os lados de sua personalidade: Seu fim trágico é resultado direto da transgressão científica e moral que ele cometeu, e a narrativa reforça a ideia de que tentar separar e esconder o lado sombrio da natureza humana leva à autodestruição.

Será que Hyde morrerá no patíbulo? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Deus sabe; para mim é indiferente, chegou a hora verdadeira de minha morte, e o que virá no futuro diz respeito a outro que não eu. Aqui, pois, ao descansar a pena e lacrar minha confissão, ponho fim à vida infeliz de Henry Jekyll (Stevenson, 2015, p. 143).

De forma semelhante, em *Breaking Bad*, Walter White também colhe os frutos de sua jornada de ambição e manipulação. Após perder sua família, sua fortuna e seus aliados, ele retorna a Albuquerque já condenado por um câncer em estágio terminal. Em seu último ato, no episódio final da série (Temporada 5, Episódio 16, “Felina”) invade o esconderijo dos neonazistas, elimina seus inimigos e liberta Jesse Pinkman – o único gesto que sugere algum resquício de arrependimento.

No entanto, não há redenção real: Walter morre sozinho, no laboratório, cercado pelos instrumentos da vida que escolheu (Figura 5). Sua morte é o desfecho lógico de uma trajetória guiada pelo orgulho e pela sede de poder. Assim como Jekyll, ele também é tragado pela persona que criou – Heisenberg –, e sua ruína simboliza o peso das escolhas feitas ao longo do

caminho. Ambas as obras, portanto, encerram com a ideia de que ninguém escapa impune ao próprio abismo.

Figura 5 – Walter White falecido nos últimos momentos da série.



Fonte: *Breaking Bad*, Temporada 5, Episódio 16, "Felina" (2008-2013).

Walter White e Henry Jekyll são exemplos claros do que Vogler (2006) define como “Heróis Trágicos”, isto é, heróis com falhas profundas que jamais conseguiram vencer os seus demônios internos – sua sombra -, sendo no fim derrotados e destruídos por eles. “Podem ser encantadores, alguns podem ter qualidades admiráveis, mas o defeito ganha no final” (Vogler, 2006, p. 58). O fascínio com esse tipo de anti-herói está na possibilidade de acompanhar sua trajetória autodestrutiva, permitindo ao público experimentar uma espécie de catarse. Ao observar Walter White e Jekyll, o espectador ou leitor pode pensar “Graças a Deus isso não me aconteceu, pois sou assim como ele” (Vogler, 2006), purgando suas emoções e aprendendo a evitar as mesmas armadilhas.

Como discutido e teorizado até este ponto, Stevenson e Gilligan criaram protagonistas que, apesar da diferença temporal e do contexto social, representam a dificuldade de harmonização entre o lado perverso e o lado virtuoso que coexistem no ser humano, a dualidade moral não é mais um tema narrativo, mas sim o ponto central das tramas. Observou-se que, em ambas as obras, há construções narrativas similares, revelando também como os dois protagonistas recusam o chamado para a aventura (Campbell, 2023), insistindo em trilhar caminhos autodestrutivos. Walter White e Dr. Jekyll são exemplos claros de “Heróis Trágicos” (Vogler, 2006): tipos de anti-heróis cativantes, mas marcados por um defeito que sempre ganha no final, tendo seus finais marcados por tragédias.

4 CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a investigar a semelhanças narrativas entre a novela *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, e a série televisiva *Breaking Bad*, de Vince Gilligan, além de investigar a manifestação da dualidade humana em seus protagonistas – Henry Jekyll e Walter White. Partiu-se da hipótese de que ambas as obras, apesar de suas diferenças de mídia e época, abordam a dualidade inerente ao ser humano, influenciada por fatores psicológicos e sociais, e que as trajetórias dos protagonistas se relacionam por meio de um processo de transformação moral.

Através da lente da LC, foi possível estabelecer um diálogo embasado entre uma obra clássica do século XIX e uma produção contemporânea, evidenciando como temas universais se ressignificam e persistem ao longo do tempo. A análise revelou que, embora Stevenson apresente uma separação explícita e física da dualidade através de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Vince Gilligan trata do mesmo tema usando Walter White e Heisenberg, porém, de forma mais gradual e psicologicamente imersiva. Ambos os protagonistas, inicialmente figuras respeitáveis, cedem a impulsos reprimidos, manifestando a sombra junguiana e desafiando as noções tradicionais de moralidade e heroísmo, confirmando a hipótese de que ambas as obras exploram a dualidade do ser humano; Tanto *O Médico e o Monstro* quanto *Breaking Bad* constroem narrativas em que figuras inicialmente respeitáveis se veem dominadas por impulsos reprimidos, culminando em trajetórias de queda e autodestruição.

A aplicação da teoria da sombra de Carl Jung foi fundamental para compreender os impulsos contraditórios que impulsionam Jekyll e Walter White. Em ambos os casos, a negação ou a aceitação de seus lados mais sombrios impulsiona a narrativa em direção a um desfecho trágico.

Seus arcos narrativos, que os afastam do modelo tradicional da Jornada do Herói, culminam não em redenção, mas em queda e autodestruição, como observado na desconstrução da jornada heroica. A persistência em suas escolhas moralmente ambíguas, mesmo diante de oportunidades de retorno, os condena à ruína, arrastando consigo pessoas próximas, como Lanyon e Jesse Pinkman. A incapacidade de controlar a persona sombria e a perda total de controle, seja pela morte de Jekyll ou pela morte de Walter, marcam o preço final de suas transgressões.

Dessa forma, o estudo conclui que os protagonistas de *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad* não apenas compartilham a temática da dualidade humana, mas também suas narrativas harmonizam na forma como exploram as consequências da repressão e da entrega aos impulsos mais obscuros. As narrativas servem como um espelho para a complexidade da psique humana,

em que a linha entre o bem e o mal é tênue e as escolhas, por mais motivadas que sejam, podem levar à inevitável tragédia.

Um dos principais méritos deste trabalho está na originalidade da proposta comparativa entre *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad*, uma vez que, até o momento, não foram encontrados estudos que explorem diretamente essa relação. Ao estabelecer um diálogo entre uma obra literária do século XIX e uma série televisiva contemporânea, o estudo contribui para ampliar o campo da LC, propondo uma análise que articula literatura, mídia e psicologia. Dessa forma, o trabalho oferece uma nova perspectiva sobre a representação da dualidade moral e da construção do anti-herói em diferentes contextos históricos e narrativos.

Também, embora o estudo aborde a dualidade humana em nos protagonistas de *O Médico e o Monstro* e *Breaking Bad* com base na LC e da teoria da sombra, tem uma limitação. Priorizou-se semelhanças temáticas e transformações psicológicas dos protagonistas, resultando em menor aprofundamento nas especificidades de cada mídia (literária e audiovisual) e nos contextos histórico-culturais distintos das obras. Uma análise mais detalhada dessas particularidades poderia enriquecer a compreensão da dualidade moral nos personagens.

REFERÊNCIAS

BREAKING BAD. Criado por Vince Gilligan. Albuquerque: High Bridge Productions; Gran Via Productions; Sony Pictures Television, 2008-2013. Série televisiva, 5 temporadas (62 episódios). Recurso audiovisual digital. Acervo pessoal.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. [tradução Heráclito Aragão Pinheiro, Camilo Francisco Ghorayeb]. –1. Ed. -- São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 09-21, 1991. Disponível em: <https://rbcl.com.br/index.php/rbcl/article/view/59>. Acesso em: 16 mar. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé; tradução de Dora Ferreira da Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo** Vol. 9/1. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, Saulo Henrique de Lima. **Da inocência à corrupção**: uma análise da jornada do (anti)herói em Breaking Bad. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Inglês) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

REMAK, Henry H. H. Comparative Literature, Its Definition and Function. *In*: STALLKNECHT, Newton P.; FRENZ, Horst (org.). **Comparative Literature**: Method and Perspective. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1961. p. 3-37.

SILVA, André Campos. **O processo comunicacional do clichê cinematográfico em filmes de terror slasher**. 2014. 123 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

SMITH, Murray. **Engaging characters**: fiction, emotion, and the cinema. Reimp. Oxford: Clarendon Press, 2004.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Tradução de Jorio Dauster. Edição Penguin. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**. Tradução de Maria Christina Penteado Kujawski. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). **Meeting the shadow: the hidden power of the dark side of human nature**. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1991.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiríssimo lugar, a Deus, que me fornece paz, saúde e felicidade todos os dias, estando presente na minha vida em qualquer momento.

À minha mãe, Irleth, que sempre me apoiou e me incentivou, estando do meu lado não importando a situação.

Aos meus avós, Luiz e Josélia, que formam o pilar da família e que também sempre me apoiaram nas minhas lutas.

Ao meu Paidrasto, Wellington, por me inspirar constantemente e me instigar a seguir em frente.

Ao meu orientador, Cosmo, por ter sido um ótimo companheiro durante a criação do TCC e um maravilhoso professor.

Aos meus professores que me apoiaram de todo coração a minha paixão com a literatura e a Língua Inglesa, especialmente Anderson Romário, Bruno Coriolano, Cosmo Jadson, Diêgo César, Giovane Alves, Jeová Araújo, Joseane de Souza, Pedro Pone e Paulo Henrique.

Aos meus amigos que, sem perceber, iluminavam meus dias mais sombrios.

E finalmente, agradeço a Kawã e Alan, que me engajaram no universo de Breaking Bad.

A cada um que me deu forças, ânimo, vontade ou inspiração: minha mais profunda gratidão.

“Desde que você não desista, vai sempre existir salvação.” — Hatake Kakashi
(*Naruto*)